
A extrema liberdade em Cecília Meireles

The Extreme Freedom in Cecília Meireles

Autoria: Valéria Lamego

 <https://orcid.org/0000-0002-8910-9197>

 Lattes: < <http://lattes.cnpq.br/9528948744290117> >

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.197878>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/197878>

Recebido em: 16/05/2022. Aprovado em: 31/05/2022.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 11, n. 20, jan.-jul., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

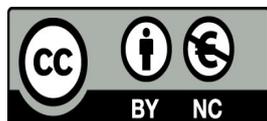
Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

LAMEGO, Valéria. A extrema liberdade em Cecília Meireles. *Opiniões*, São Paulo, n. 20, pp. 60-78, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.197878>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/197878>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

a extrema liberdade em cecília meireles¹

The Extreme Freedom in Cecília Meireles

Valéria Lamego²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.197878>

¹ Este artigo foi organizado com base na palestra “A extrema liberdade em Cecília Meireles”, apresentada no Colóquio Internacional Cecília Meireles 120 Anos, em outubro de 2021, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Valéria Lamego é pesquisadora visitante do Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PACC-UFRJ), na qual realizou seu estágio pós-doutoral. E-mail: vlamego@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8910-9197>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9528948744290117>.

Resumo

O conceito de liberdade atravessou a obra da poeta Cecília Meireles (1901-1964), desde seus escritos e lutas juvenis, nas décadas de 1910 e 1920, passando pela militância em torno de uma educação moderna durante a Revolução de 1930, período em que manteve uma página diária voltada para o tema. Nos mesmos anos, entre 1930 e 1933, a pensadora e militante política francesa, Simone Weil (1909-1943), também se debruçou sobre a questão. A autora faz, então, um breve paralelo sobre o que a poeta brasileira e a pensadora francesa escreveram no período. Cecília Meireles leva o tema para sua poesia na década de 1950 em uma de suas mais aclamadas obras, o *Romanceiro da Inconfidência* (1953). Até suas últimas crônicas, na década de 1960, a autora aborda o tema em crônicas políticas e de comportamento.

Palavras-chave

Liberdade. Cecília Meireles. Poesia. Educação. Feminismo.

Abstract

The concept of freedom passed through the work of the Brazilian poet Cecília Meireles (1901-1964), since her writings and youth struggles in the decade of 1910 and 1920, passing militancy around a modern education during the years of 1930, period in which she maintained a daily page facing the theme. In the same years, between 1930 and 1933, the French political thinker and militant, Simone Weil (1909-1943), also addressed the issue. The author then makes a brief parallel between what the Brazilian poet and the French thinker wrote in the period. Cecília Meireles takes the theme to her poetry in the 1950s in one of her most acclaimed works, the political *Romanceiro da Inconfidência* (1953). Until her last chronicles, in the 1960s, the poet addresses the theme in political and behavioral chronicles.

Keywords

Freedom. Cecília Meireles. Poetry. Education. Feminism.

Esse título pomposo sugere uma ideia radical e ambiciosa: revelar a culminância, o ponto mais alto, extremo, do conceito de liberdade na obra de Cecília Meireles. Nestas poucas páginas, não conseguirei chegar nem à base dessa ambição, mas trago aqui um rascunho, um começo.

No início de minhas pesquisas sobre a poeta, nos anos 1990, encontrei o avesso de sua obra. Uma não poeta. Uma descobridora e defensora de muitas liberdades que giravam em torno de sua mais frequente obsessão entre os anos 1920 e 1930, que não era exatamente a literatura, mas a educação. Foi a partir da educação que surgiu, para mim, a poeta Cecília. E, junto com a educadora, poeta e professora, veio também a defensora das liberdades.

O conceito contemporâneo de liberdade é revolucionário, pois a ideia central do termo transfigurou-se a partir da Revolução Francesa. Por sua vez, o conceito de revolução é moderno e ultrapassa a origem do termo. “O conceito de Revolução é um produto linguístico de nossa modernidade”, sustenta Koselleck (2006, p. 66) em seu *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Nessa esteira conceitual da Revolução Francesa, o binômio liberdade-igualdade aparece como um dos pilares das ideias transformadoras, sendo sacralizado como conceito fundamental na defesa dos movimentos e direitos sociais desde a era das revoluções.

Entre os anos 1930 e 1940, a ideia de liberdade e igualdade acalentou a segunda onda da luta das mulheres que defendiam o protagonismo no ambiente escolar e nas esferas político-sociais. Devo lembrar que o voto feminino, no Brasil, data de 1932 e que a ideia de igualdade de gênero entra na Carta da ONU por obra da cientista e feminista brasileira Bertha Lutz em 1945.³ Cecília Meireles se apropriou com muita pertinência do termo liberdade nos primeiros anos da década de 1930, quando defendeu a agenda da educação moderna. E nunca o abandonou.

Seguindo os rastros deixados pela poeta em torno do sentido de liberdade, empregado por ela em sua obra em períodos distintos, entendi seus motivos em não aderir aos apelos da poesia contemporânea. Moldou a seu gosto, seu estilo, sua métrica, suas imagens poéticas, suas metáforas e sua voz subjetivo-transfiguradora, sem com isso abandonar as lutas sociais empenhadas não no poema, mas na esfera pública.

Cobrada insistentemente por essa escolha deliberada, a poeta raramente se manifestou, mesmo quando foi comparada a um morro de terra vermelha que impedia a passagem da jovem literatura.⁴

Cecília se comportou como educadora em praticamente suas mais de 2 mil crônicas escritas da década de 1930 até o ano de sua morte, em 1964, compartilhando seus interesses, experiências e vivências. Nas muitas conferências e ensaios que escreveu desde 1929, quando publicou *O espírito vitorioso*, tese com a qual concorreu a uma vaga de professora para a escola normal, até sua última

³ Disponível em: <https://medium.com/una-nca-snapshots/the-women-behind-the-un-profiles-of-early-female-influencers-on-the-founding-of-the-united-nations-a670e5ba7c1b>. Acesso em: 15 maio 2022.

⁴ Escreveu Oswald de Andrade (2007, p. 553-554): “A sra. Cecília Meireles é uma espécie de Morro de Santo Antônio, que atravanca o livre tráfego da poesia. Com sua celebridade madura, continua a fazer o mesmo verso arrumadinho, neutro e bem cantado, com fitinhas, ou melhor, com fitinhos e bordados. Sem dizer nada, sem transmitir nada. Mesmo sem sentir nada”.

conferência, realizada na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em 1963, com o nome de *Poesia e religião*, foi um pouco crítica e quase sempre pedagógica.

A poeta separou intencionalmente o que era do terreno da prosa e da poesia de suas lutas sociais. Sua prosa e sua poesia conversaram intimamente, reforçando a proposta de Rancière sobre a inautêntica borda que separa os gêneros literários. Porém, embora ambos fossem moldados com a mesma mão do oleiro, algumas ideias não teriam como repousar sobre os mesmos terrenos. De certa forma, podemos dividir os solos de sua escrita entre o profano e o sagrado, sendo esse último o da poesia. Essa talvez tenha sido a postura mais radical da poeta, embora as ideias defendidas, por um lado, minassem o fazer do outro. Essas impressões – que ainda faltam ser corroboradas – respondem a uma pergunta feita por mim há décadas: como a farpa da militante política dos anos 1930 não feriu a lira cristalina da poeta?

Murilo Marcondes, em seu livro *O mundo sitiado* (MOURA, 2016), encontrou um veio para essa resposta na poesia de guerra de Cecília. Por meio dessa linha de pesquisa, podemos seguir até o *Romanceiro da Inconfidência*, que, segundo o outro Murilo, o Mendes, no artigo “Poesia social” (1994), foi o mais bem acabado livro de poesia social, no bom sentido, por não ter se reduzido a um manifesto político e nem a algo condoreiro.

O *Romanceiro da Inconfidência*, publicado há alguns meses, resulta de uma combinação homogênea entre força poética, domínio da língua, erudição, e senso do detalhe histórico valorizado em vista de uma transposição superior, própria do código da poesia. (MENDES, 1994, p. 66)

Se existe alguma ideia ou conceito que alinhava os textos da poeta, aposto minhas fichas na ideia de liberdade, que surge com intensidade nos escritos políticos de 1930 e em seu livro dito “social”, de 1950. Ficaria o conceito de liberdade restrito a esses dois momentos? Não. A percepção da poeta sobre o sentido de liberdade circulou de maneira insidiosa em parte de sua obra em prosa, que volta e meia trazia também a discussão de outro tema muito caro a ela: o de revolução.

As primeiras ideias libertárias de Cecília Meireles surgiram, entretanto, a partir de um entendimento genuíno do conceito de igualdade, acalentado pela poeta desde a juventude (SILVA, 2021). Um dos episódios marcantes foi quando, aos 19 anos, autodeclarou-se uma “livre-pensadora” diante de uma plateia conservadora reunida para a fundação da Legião da Mulher Brasileira, composta por cônegos e mulheres católicas que queriam impor sua religião àquelas que usufruíssem das benesses da sociedade. Cecília era a secretária da Legião e respondeu a todos: “A Legião será uma instituição leiga, acolherá pessoas de todos os credos religiosos.” Sua declaração foi parar nas páginas dos jornais (O MALHO, 1920, s.p.; O PAIZ, 1920, p. 12). Repito sempre essa história – divulgada originalmente por Sérgio Alcides em suas redes sociais –, porque constitui, para mim, um marco da “aparente” contradição entre a livre-pensadora e a poeta.

No mesmo período, a jovem Cecília tinha lançado seu livro simbolista, povoado por santas, heroínas e fantasmas, *Espectros*. Em nada libertário, se nos pautarmos exclusivamente pela lógica e pelo entendimento do termo difundido

pelas vanguardas, que associaram a ideia de liberdade à de transgressão, marcada pelos avanços sobre áreas e estéticas solidificadas em gerações anteriores. Uma década depois, em 1930, a poeta passa a editora da “Página de Educação”. Nesse período, dois de seus fantasmas retornam à pauta: a Igreja Católica e a opressão de uma ditadura, nesse caso a de Vargas.

“página de educação”

Em 12 de junho de 1930, o jornal *Diário de Notícias* foi lançado no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. O periódico vinha fortalecer um grupo de veículos simpáticos à Aliança Liberal, de Getúlio Vargas. Após o levante armado de 1930, Vargas assumiu o governo provisório liderado pela Aliança Liberal (LAMEGO, 1996, pp. 27-30).

O nome e a ideia da Revolução de 1930, como ocorrência naqueles anos de 1929 a 1930, à luz dos muitos estudos, como os de Koselleck (2006), já citado, e Hobsbawm (2015) poderiam ser relativizados e rebaixados a golpe. De qualquer forma, a palavra empregada no passado foi “revolução”, e isso diz muito sobre as ideias reformadoras que atraíram seus apoiadores, sobretudo os jovens educadores, que viam em uma revolução a possibilidade de trazer para o país as premissas da escola moderna: a Escola Nova, de John Dewey. Assim pensaram Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, entre outros intelectuais.

Nenhum concorrente do *Diário de Notícias*, mesmo os *Diários Associados*, de Chateaubriand, ou o mais popular dos matutinos de 1930, o *Correio da Manhã*, publicou uma página diária sobre educação. Entretanto, o interesse pela matéria era despertado não só na classe média emergente, mas também na classe política. Como consta nos discursos de Vargas, a educação foi tema importante da plataforma política da Aliança Liberal.

O clima político, social e intelectual da época também justificava a aparição dessa página diária. O país vivia, politicamente, um momento de grande indecisão, entre uma eleição democrática – que se mostrou fraudulenta – e a perspectiva de uma revolução redentora, que levasse a modernidade ao país dominado pelas oligarquias rurais.

No plano social e urbano, uma massa de trabalhadores analfabetos convivia com uma pequena classe média urbana, que procurava novas opções de vida.

Já no plano intelectual, vivíamos o segundo momento do modernismo. O ano 1930 marca o início de uma década de reflexões, de assentamento de muitas ideias e, sobretudo, de crescimento na produção de obras ensaísticas de cunho sociológico.

Passados oito anos da Semana de Arte Moderna, o radicalismo dos primeiros movimentos modernistas – no qual a poesia aparece como condutor da efervescência estética e política – deu lugar a uma geração que produziria uma vasta obra de reflexões sociais, históricas e culturais.

A “Página de Educação”, que surge como um espaço de apoio à Revolução de 1930, em poucos meses de seu lançamento se tornou um meio de severas críticas e ataques à política de Getúlio Vargas e do ministro da Educação, Francisco Campos, de viés fascista, que instituiu o decreto do ensino religioso obrigatório em

abril de 1931. Algo que nem a decadente Primeira República havia pensado em fazer. Não era um ensino religioso amplo e teórico, por assim dizer, mas catequese católica e que fazia parte do grande arranjo político costurado entre o governo Vargas e a instituição religiosa.

revolução e liberdade

O caldo entornou ali. E a verve inflamatória de Cecília Meireles alcançou momentos inimagináveis pela crítica comportada da literatura brasileira, que desconheceu em absoluto a potência de sua voz no embate público. Sua luta contra a obrigação do ensino religioso ampliou-se para uma luta contra um governo de caráter fascista e autoritário. Publicou artigos sobre o fascismo e sua influência em escolas paulistas (MEIRELES, 1931b, 1932b, 1932c). Entre os muitos temas tratados por ela em sua página diária, sobressai, no entanto, o sentido que ela deu às palavras e aos conceitos de revolução e liberdade.

A palavra revolução, que, até 1789, era um conceito fisiopolítico e se referia às voltas cíclicas da Terra em torno do Sol, tornou-se uma das expressões sociopolíticas mais convenientes a todas as convulsões sociais e até, mais recentemente, a apropriações descabidas e cínicas por parte de Estados autoritários. É inegável o clichê da ideia de transformação já totalmente descolado de seu maior evento, a Revolução Francesa, que nomeou e modelou o termo como hoje o conhecemos.

“Não se dispunha de uma palavra que pudesse designar uma comoção social por meio da qual a população subjugada se tornasse ela mesma a classe dos senhores”, escreveu Hanna Arendt (apud KOSELLECK, 2006, p. 67). A emancipação social, à qual se referiu Arendt, como experiência revolucionária, só ganhou sentido pleno com os iluministas, que transformaram a palavra revolução em um conceito que pudesse abarcar desde os costumes, passando pelo direito, pela religião, pela economia e até pelas nações. E, assim, o termo, já trans-histórico, “dissemina seu significado parcial e metafórico” (KOSELLECK, 2006, p. 67).

Já a palavra liberdade nasce como pilar inequívoco do arcabouço das ideias revolucionárias de 1789. “O termo liberdade, antes de 1800, era sobretudo uma expressão legal que denotava o oposto de escravidão”, explica Hobsbawm em *A era das revoluções* (HOBSBAWM, 2015, p. 100). A partir daí, o termo adquire um novo conteúdo político.

A Revolução Francesa teve influência direta e indireta em todo o mundo, embora suas lutas tenham sido regionais. Apesar de seu caráter de revolta burguesa, “forneceu o padrão para todos os movimentos revolucionários subsequentes e suas lições tendo sido incorporadas ao socialismo e ao comunismo”, escreve Hobsbawm (2015, p. 100).

A palavra liberdade entrou no vocabulário político-revolucionário como símbolo das ideias transformadoras, sobretudo ao se tornar um dos pilares da Declaração dos Direitos dos Homens, que inaugura um campo de expectativa social lançado em nome da liberdade e da igualdade.

Na década de 1930, em várias partes do mundo, no Brasil inclusive, a sombra do autoritarismo baixou no mesmo momento em que a crise econômica de 1929 fragilizava economias e sociedades. Foi assim na Europa, com a ascensão do

nazifascismo, e foi assim no Brasil, com Vargas, primeiro em 1930 e depois no Estado Novo em 1937.

luta de cecília

Antes do decreto do ensino religioso, Cecília tenta esclarecer, em sua página diária, como uma revolução poderia ser benéfica para a educação. Ela se indaga: “Não é possível apressar o processo evolutivo por meio de uma violência qualquer, regeneradora, ainda que terrivelmente?” (MEIRELES, 1930a). E, em seguida, responde:

Esse processo é a Revolução. Banidas todas as ideias que, frequentemente, maculam as revoluções, tornando-as suspeitas aos olhares idealistas dos educadores, não há dúvida que, ante uma grande possibilidade de melhorar a vida por uma violenta alteração da ordem das coisas, todos os educadores devem sentir-se e querer ser revolucionários. (MEIRELES, 1930a, s.p.)

O que poderia macular as revoluções para os educadores idealistas? A tomada de poder à força e por sangrentas incursões, talvez. Porém, apesar do risco inevitável e até da pouca compreensão de seu público leitor, os próprios educadores, era um perigo a ser tentado. E acrescentava: “todos os educadores deveriam sentir-se revolucionários”.

Crítica em relação às delimitações nacional-geográficas, a poeta defende e justifica, até abril de 1931, o evento da Revolução de 1930. Usa exemplos de outros países que tiveram suas revoluções, segundo ela, bem-sucedidas e exemplares, como o México, que derrubou o antigo autocrata Porfirio Diaz em 1920, com apoio dos mais diversos setores da sociedade mexicana.

Antes mesmo do decreto religioso, um mês após a tomada do poder pelos revolucionários, ocorrida em 24 de outubro de 1930, Cecília percebe que os arranjos políticos eram profundamente mais arraigados do que uma ideia transformadora e verdadeiramente revolucionária. No editorial chamado “Responsabilidade da revolução”, de 27 de novembro de 1930, ela prevê a diluição do espírito de mudanças, destituído, em tão pouco tempo, por alianças antirrevolucionárias.

Fazer revolução deve ser, com certeza, muito mais fácil do que assegurar revoluções... O passado do mundo nos mostra, aliás, essa necessidade de repetir a história para se consolidarem as aspirações (...). Se viemos de um Brasil infelicitado pela má estrutura educacional dos seus próprios dirigentes, que corromperam com suas práticas os próprios dirigidos bem intencionados que houvesse, e se nos empenharmos em apagar a todo transe a lembrança do passado maléfico, devemos fazê-lo não com palavras – oh! como o Brasil está fatigado de discursos! – mas com atos ponderados e justos. Porque os que vão pedindo ou insinuando retrocesso à obra da educação, são os de alma

“legalista”, são os inimigos disfarçados da Revolução, são os que desejam seu fracasso futuro, cortando, por uma dessas penas arbitrárias, as possibilidades de evolução que o Brasil possa ter, através da obra educacional adequada aos tempos modernos. (MEIRELES, 1930b, s.p.)

Em menos de cinco meses após a publicação desse editorial, é decretado, em abril de 1931, o ensino religioso obrigatório. E os sinais de desencanto com os rumos daquela revolução transformaram-se em uma crítica arguta e, em alguns momentos, furiosa. Antes de perder as esperanças em uma mudança, sentenciava: “O revolucionário completo, autêntico, é um transformado, ou por temperamento ou por educação. Tem uma ideologia. E são as ideologias que sustentam os tipos humanos. Essa ideologia falta ao pseudo-revolucionário” (MEIRELES, 1930c, s.p.).

Não importavam à poeta apenas a luta, as políticas e a polêmica; no centro de suas intenções, estava a ideia de transformação e de ideologia como meio de chegar às mudanças. A palavra ideologia era usada com muita pertinência pela escritora, embora com parcimônia. Ao contrário do conceito de liberdade, a ideologia era a argamassa, e não o edifício completo.

Já no ano seguinte, em 1931, seus comentários, quando políticos, são todos críticos, e a palavra liberdade sobressai como antítese à opressão imposta por uma agenda educacional conservadora e voltada para as alianças que justificavam a sobrevivência de Vargas na política do período. Em janeiro de 1931, escreve alguns textos bastante corajosos, como o libelo “A extensão de nossa liberdade” e o mais comportado “O direito do não”. Em ambos, sustenta o valor das ideias em um mundo marcado pela supressão das liberdades e desenvolve um quadro de insatisfação e medo em que se encontravam os críticos daquele regime.

Oh! como seria bom poder, destruindo uma instituição, uma lei, uma fórmula, agir magicamente sobre uma idéia (...). Andamos assim... Temos medo de tudo... Dependemos de tudo... De todos... Ameaçam-nos com situações **preconceitos** (grifo nosso), inconvenientes, desarmonias...

E dizemos que somos livres... Que os cativeiros caíram... Que a liberdade é um sol aberto sobre o mundo. (MEIRELES, 1931a, s.p.).

No dia em que soubermos empregar firmemente o nosso não; quando nos recusarmos a aplaudir quem não mereça, se poderá dizer que a multidão alcançou a liberdade que alguns idealistas lhe desejam. (MEIRELES, 1931c, s.p.).

Em “A extensão de nossa liberdade” (MEIRELES, 1931a), a poeta demonstra saber o quanto a lei do ensino religioso revela um conservadorismo pernicioso arraigado à estrutura político-social brasileira, que dificilmente seria destruída em prol de ideias modernas. Porém, sobressai, para mim, o uso que ela faz do termo “preconceito”, indicando claramente as perseguições que vinha

sofrendo desde 1929, não só pelo fato de ser mulher, mas também por suas posições laicas com relação à educação e a todos os segmentos da vida pública. Uma mulher de classe média urbana, que não fazia parte da elite, nascida e criada nos bairros centrais do Rio de Janeiro, sem luxos, órfã, cuja educação pessoal foi construída em instituições públicas, não católicas. Essa mulher se sentia livre para estar à frente de críticas ao decreto. Seus escritos no período foram contundentes e passavam principalmente pelo horror diante da supressão da liberdade individual, um dos pilares da nova educação e de uma nova mentalidade moderna, como defende no editorial “Pedagogia de ministro”.

Ora, a educação, no nosso tempo, é uma fórmula de levar as criaturas à liberdade pelo desenvolvimento de todas as suas aptidões; a verificação de todas as experiências humanas passadas e presentes, orientadas por um superior critério de responsabilidade. Daí, todas as obrigatoriedades atentarem contra o espírito da escola nova, que é apenas um aspecto da vida no século que atravessamos.

Sob pena de sermos retrógrados temos de estar de acordo com o tempo. Sob pena de sermos tiranos, temos que nos submeter à sua ética. (MEIRELES, 1931d, s.p.)

simone weil

No mesmo período, do outro lado do Atlântico, a ativista política e filósofa Simone Weil (1909-1943) escrevia o ensaio *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social* (WEIL, 2020), publicado em 1934. Simone, como Cecília, dedicava-se à educação e à política. Em seu livro, instiga um pensamento em torno das opressões promovidas pela produção de bens na sociedade capitalista. Weil demonstra como a mesma opressão atuava perversamente nas políticas marxistas de produção. Sua crítica, porém, coloca a liberdade como um bem supremo, ideal e inatingível, além de constantemente ameaçado pela opressão gerada pela sociedade produtiva: “A sociedade capitalista está bem longe de ter elaborado em seu seio as condições materiais de um regime de liberdade e igualdade; a instauração de tal regime supõe uma transformação preliminar da produção e da cultura” (WEIL, 2020, p. 17).

A luta de Cecília em torno da expressão da liberdade, naquele período, se comparada à discussão de Weil, foi uma luta pontual e de afirmação de uma política educacional e cultural que pudesse emancipar o indivíduo para além da opressão oligarca e religiosa que conduzia o país até então. A liberdade, para a poeta, era uma ferramenta indispensável ao acesso ao discernimento, que, por sua vez, só poderia ser atingido com a formação educacional, enquanto para Weil era uma utopia alcançável somente dentro de suas imperfeições. A autora francesa questiona a possibilidade real da existência de uma liberdade completa, ainda mais em uma coletividade.

O homem é um ser limitado ao qual não é dado ser, como o Deus dos teólogos, o autor direto da própria existência; mas o homem

possuiria o equivalente humano desse poder divino se as condições materiais que permitem sua existência fossem exclusivamente obra de seu pensamento.

Essa liberdade é apenas um ideal, não pode ser encontrada em uma situação real, assim como uma reta perfeita não pode ser traçada com lápis. O que precisamos a todo custo é retirar totalmente do acaso nossas próprias ações. (WEIL, 2020, p. 84)

As liberdades, nos anos 1930, tanto no Brasil quanto em países da Europa, foram aos poucos solapadas por governos autoritários e pela guerra. Como pitonisas, Weil e Cecília discutiram o sentido do conceito e sua subsistência na vida social em um dos últimos momentos em que havia ambiente para o debate – sobretudo no caso da poeta. Apesar das diferenças, ambas chegaram à melancólica constatação de que a servidão do homem pelo homem sempre o impedirá de usufruir uma liberdade, seja ela utópica ou real. “Uma vez que o destino de um homem depende de outros homens, a própria vida lhe escapa, não só das mãos, como também da inteligência”, escreve Weil (2020, p. 97). Ao que reafirma Cecília:

O homem tendo que atender a tantas coisas que inventou, secretamente pergunta a si mesmo se valeria a pena tê-las inventado para limitar sua liberdade, para assim ter de ficar como um operário vigilante junto a engrenagens que, ao menor descuido, o sacrificarão – sentindo, no entanto, que a vida verdadeira não é aquela posição atenta do dever, exclusivo, monótono, mesquinho, mas uma participação nesse sentimento total do universo, nessa gravitação geral em que os acontecimentos libertam seus ritmos na plenitude de seu *poder de realização*. Ao lado dos mais profundos e generosos impulsos de sociabilidade, o homem parece continuar a ser uma força individualista que em sua própria concentração prepara a riqueza que, em seguida, poderá converter em favor coletivo. (MEIRELES, 1932a, s.p., grifo nosso)

O otimismo de Cecília, em comparação ao pessimismo em relação ao coletivo, manifestado por Weil, vem da perspectiva de ainda encontrar uma possibilidade, por meio do indivíduo, de manutenção dessa liberdade, a ser convertida em um bem maior. Sua mensagem era dirigida ao professor, aquele que ela mesma chamou de “criador de valores, acordador de verdades”.

A poeta, no entanto, abandona temporariamente seus escritos sobre educação e liberdade em janeiro de 1933, mesmo tendo sido chamada para escrever em outro jornal, pois sua despedida do *Diário de Notícias* não foi, aparentemente, decisão sua. Em carta ao amigo e educador Fernando de Azevedo, de 15 de novembro de 1933, ela se lamenta e informa que, convidada a escrever para *A Nação*, seu diretor lhe fez a seguinte ressalva:

trata-se de escrever impressões rápidas sobre os acontecimentos semanais – *menos política* (grifo de Cecília), disseram-me (...).

O que eu acho difícil é deixar de falar em política, estando reunida a Constituinte, e depois as eleições de Hitler, das angústias da França, da aliança russo-americana, etc... Eu tenho esse mau costume de sofrer pelo mundo inteiro. (apud LAMEGO, 1996, p. 236)

Abalada com o destino do mundo – “ainda agora escrevendo-lhe, sinto lágrimas no coração, porque vejo diante de mim, como no filme,⁵ a cara daqueles homens desgraçados que já viram uma guerra, quando ainda eram jovens, e estão a ponto de ver outra” (apud LAMEGO, 1996, p. 236) –, segue descrevendo suas percepções daquele mundo imediato, vendo sua liberdade de crítica e opinião cerceada, embora não mencione o fato com clareza. No final, escreve: “Fico com o versinho dos poetas e a minha solidão. Porque eu agora sou um dos três grandes solitários da terra” (apud LAMEGO, 1996, p. 238).

A poeta ainda escreve algumas crônicas sobre educação em *A Nação*. Mas sua vida, a partir de 1933, entra em um novo ciclo, bastante tumultuado. Retorna, entretanto, com ênfase ao tema liberdade em 1953, em *Romanceiro da Inconfidência*, no qual a expressão é citada ao menos 47 vezes, pontuando, inequivocadamente, sua obra mais arquitetada.

romanceiro

Romanceiro da Inconfidência é um livro que se destaca entre as demais obras cecilianas principalmente por ser seu primeiro registro poético em que faz uso de vasta documentação historiográfica. É um livro em que o tempo da história e o tempo do presente poético se encontram ao longo dos 85 romances. Nele, a autora corajosamente se impôs um tema a ser tratado, a ser percorrido em toda a estrutura, eliminando, como assinala João Cabral em artigo fenomenal sobre a obra, qualquer aspecto da poesia pura, isto é, da poesia por si mesma. A autora utiliza artifícios formais, estruturais e estéticos para dialogar com as figuras do passado, com o tempo histórico e com as ideias. São figuras históricas, anônimas e fantasmas que confabulam com ideias e seres esquecidos, como os portentosos cavalos que atravessam os romances.

De todas as muitas ideias que circulam na obra, é a da liberdade, em oposição à da traição e à da vingança, que sobressai. O sentido de liberdade, tão presente nas revoluções do século 18, alinhava todas as quatro partes em que a obra é dividida e se mantém como a ideia dominante sobre todas as demais.

A Inconfidência Mineira, que ocorreu em Vila Rica entre 1789 e 1792, foi uma das poucas revoltas autênticas da história do Brasil, tendo bebido diretamente nas fontes da Revolução Francesa. Em carta à amiga Isabel do Prado, de 1947, a poeta revela:

Vejo a Inconfidência como o único fato verdadeiramente trágico em toda a história do Brasil. Não me interessa nem Marília nem Gonzaga nem ninguém. Interessa-me ‘o caso’. É mesmo a meu

⁵ Jornal da Paramount, que ela viu no cinema.

ver, o único grande caso de DESTINO, na história do Brasil. (SAMPAIO, 2015, p. 245-255)

Em uma de suas últimas conferências, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em setembro de 1963, Cecília faz uma longa digressão sobre a poesia. Os tópicos de seu discurso principal eram poesia e religião, mas o documento deixado pela poeta é uma das mais sinceras e profundas análises do sentido e da função da poesia. Escreve a poeta:

Se o poema tentar ensinar perde o poder, tornando-se didático; se quiser investigar e explicar o homem ao mundo perde-o também, passando a ensaio filosófico; se quiser conduzir o homem para movimentos sociais ou espirituais, perde a sua natureza de poema, porque essas funções pertencem ao discurso ou ao sermão. Sendo apenas uma realização estética, o poema não satisfaz, porque as dimensões humanas excedem as da estética; se levar muito longe seus interesses musicais ou picturais, está torcendo seu destino, porque isso pertence ao campo da música e ao das artes plásticas. (MEIRELES, 1963, s.p.)

Em *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília equilibrou de maneira virtuosa todos os itens tratados anteriormente neste texto; não ensinou, não explicou, não conduziu a movimentos sociais, não foi extremamente estética, pictórica ou musical, e, ao mesmo tempo, o *Romanceiro* foi tudo isso. Para Murilo Mendes (1994, p.66), como citei anteriormente, o livro é “uma amostra de poesia social de alta categoria”. João Cabral de Melo Neto vai além e saúda a obra como “um dos acontecimentos mais importantes dos últimos anos” (MELO NETO, 1953, s.p.).

“Pela primeira vez, o livro de um poeta brasileiro moderno vem mostrar que a poesia, mais do que uma substância determinada, é linguagem, isto é, uma maneira de falar de certos assuntos ou de transmitir certas substâncias”⁶. João Cabral, aliás, vem justamente trazer uma questão caríssima à poeta: a natureza da linguagem poética, segundo Cecília:

A poesia não é a uma linguagem impecável dos clássicos, nem a desenfreada confissão dos românticos, nem a impassibilidade parnasiana, nem o mistério intencional dos simbolistas, nem a desarticulação da gramática, nem os jogos de palavras, de letras ou algarismos. Não é o macabro, nem o devoto, nem o discurso social, nem a enumeração dos fenômenos. E, no entanto, a poesia pode estar em tudo isso. (MEIRELES, 1963, s.p.).

Ou seja, a linguagem poética é também um meio para tratar de todos os assuntos e de transmitir certas substâncias, sejam elas históricas, idealistas, amorosas ou todas juntas.

⁶ MELO NETO, 1953. Essa descoberta, da pesquisadora Edneia Rodrigues Ribeiro, é fundamental para estabelecer o diálogo, considerado impossível, à primeira vista, por estudiosos, entre Cecília Meireles e João Cabral.

Embora não tenha sido professor em toda a sua vida, João Cabral consegue ser mais didático do que Cecília, ao tratar da matéria poética e de seu uso no *Romanceiro*:

O poeta de hoje espera que o poema aconteça. Que êle lhe chegue, com seu tema, e sua forma própria. Como qualquer sentido de utilidade foi eliminado da poesia, em nome da poesia pura, como não se cogita, em absoluto, do destino social que o poema possa ter, o poeta moderno não encontra, fora de si, na sociedade, o impulso ou o encorajamento que levava os autores de antigamente a celebrar êste ou aquêle acontecimento. O poeta de hoje quer ser um poeta puro. Um poeta cujo poema contenha apenas poesia. Ora, o que é poesia ainda não foi perfeitamente definido e a substância poesia ainda não foi completamente isolada. A poesia é, para esses poetas, uma substância misteriosa e caprichosa que sopra onde quer, e não onde o poeta deseja que ela sopra. A atitude de tais poetas em relação à poesia é respeitosa e quase supersticiosa também. O poeta tem medo de forçar o poema. Ele o espera. Espera que um acaso qualquer o traga. (...). A Senhora Cecília Meireles com êste *Romanceiro da Inconfidência*, que exigiu tanta sistematização e tanto trabalho de pesquisa, coisas que hoje em dia raramente vemos associadas como exercício da poesia, rompe decididamente com o estado de espírito vigente na poesia brasileira. (MELO NETO, 1953, s.p.)

Cecília Meireles, como João Cabral, teve dificuldade para definir de forma ampla a arte poética: “A poesia”, escreveu em *Poesia e religião*, “se caracteriza não pelo verso, como à primeira vista se supõe: mas pelo mistério que é a sua virtude intrínseca” (MEIRELES, 1963, s.p.). O dom misterioso da poesia atribuído pela poeta evoca, de certa maneira, seu esforço em encontrar uma “poesia pura”. O contraste com o poema social e histórico de *Romanceiro da Inconfidência* explica, em parte, aquela pergunta feita há tantos anos: por que a lira da poeta não admitiu a farpa da educadora política e militante? As expressões “poesia pura” e “mistério” parecem responder à questão. Em um primeiro momento, a busca da poeta por uma ponte entre o político e o poético teria sido inibida por essa aceitação de uma “virtude”. Poderíamos até supor que a “poesia pura”, sem compromissos estéticos, naqueles anos marcados por questões tão politizadas, fosse o máximo de liberdade que a poeta impôs a seu fazer artístico. Porém, Cecília Meireles não parece ter esperado pelo sopro divino para realizar seus versos, bastante arquitetados e compromissados com a forma. No *Romanceiro*, entretanto, ela faz algumas ressalvas e traz para o centro do poema a ideia de liberdade e igualdade. Não que a liberdade estivesse completamente ausente de suas obras anteriores, porém raramente foi nomeada. A questão da liberdade surge em 1920 (SILVA, 2021) – em suas lutas estudantis e em sua participação em sociedades femininas de cunho social –, intensifica-se em 1930, na luta pela educação laica e pública (LAMEGO, 1996), e ressurgiu de maneira original e histórica em 1950, na poesia.

É no “Romance 24 ou da bandeira da Inconfidência” que ocorre a primeira aparição da palavra “liberdade”, devidamente conceituada pela poeta no *Romanceiro*. Essa surge em um dos versos mais conhecidos da poesia brasileira:

Liberdade – essa palavra
Que o sonho humano alimenta:
Que não há ninguém que explique,
E ninguém que não entenda

Nesse romance, Cecília traz um significado amplo do termo, não só como um bem revolucionário, mas como um ideal humano a ser conquistado (“que o sonho humano alimenta”). Ao longo do livro, a palavra vai ganhando outros contornos e novos adjetivos; escrita em caixa-baixa ou ressaltada em letras capitulares. Foi “amarga”, no “Romance 26 ou da semana santa de 1789”:

Pois o amor não é doce,
pois o bem não é suave,
pois amanhã, como ontem,
É amarga, a Liberdade.

Foi um valor disputado no “Romance 35 ou do suspiroso Alferes” e no “Romance 37 ou de maio de 1789”:

Todos querem liberdade,
mas quem por ela trabalha?

Uns querendo ouro e diamantes,
Outros, liberdade, apenas

Na “Fala aos pusilânimes”, a expressão foi mais que um desejo, foi um alento para os perseguidos e injustiçados por detratores insensíveis com as demandas populares. Foi também uma das principais palavras do “Romance 53 ou das palavras áreas”, em que a liberdade das almas é frágil como o vidro, porém mais poderosa que o aço:

Frágil, frágil como o vidro
E mais que o aço poderosa!

Nesse dístico, a fragilidade do vidro está na facilidade com que se despedaça e se parte. No poema, no entanto, o poder dessa fragilidade está na qualidade transformadora da matéria: o vidro, que é frágil, é ao mesmo tempo cortante e por isso uma ameaça. Isso sugere mais do que uma oposição entre “vidro” e “aço”, pois, como o aço, o vidro tem o poder de ferir, assim como a liberdade e o gesto humano que ela demanda.

Por fim, é a palavra que leva um homem de leis e de artes à masmorra, como no “Romance 78 ou de um tal Alvarenga”.

No *Romanceiro*, todas as acepções emprestadas por Cecília à expressão liberdade fazem não apenas parte do leque de significados políticos e sociais que o termo havia ganhado nas revoluções dos séculos 18 e 19. A poeta empresta à palavra, e a seus significados, a personificação de sua voz narradora dos eventos da Inconfidência Mineira – para ela, “o único fato verdadeiramente trágico em toda a história do Brasil”, como escreve à amiga Isabel do Prado, em 9 de junho de 1947 (SAMPAIO, 2015, p. 245-255), como já citamos.

O *Romanceiro* não foi, entretanto, o último texto a guardar a liberdade, segundo Cecília. Suas crônicas da década de 1960 também revelaram suas várias formas possíveis. Em 22 de agosto de 1961, às vésperas da renúncia de Jânio Quadros, Cecília lê, no programa radiofônico *Quadrante*, a crônica “Liberdade” (que depois é publicada, em 1974, no livro *Escolha o seu sonho*). Nela, a poeta descreve as várias possibilidades de agir, conforme a liberdade de cada indivíduo, de cada tempo, dando ao termo as responsabilidades inerentes:

Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que renunciar à liberdade é renunciar à própria condição humana; que a liberdade é o maior bem do mundo; que a liberdade é o oposto à fatalidade e à escravidão. (MEIRELES, 1974, p.8)

Por fim, sentencia: “E os loucos que sonharam sair de seus pavilhões, usando a fórmula do incêndio para chegarem à liberdade, morreram queimados, com o mapa da Liberdade nas mãos!...” (MEIRELES, 1974, p.9).

Na década de 1960, essa não foi a única crônica de cunho político em que ela usou a expressão para revelar suas críticas veladas. Nas crônicas, muitas vezes a poeta desce ao rés do chão e deixa à mostra seu humor por vezes ferino. Uma de suas últimas crônicas publicadas em vida, em 10 de setembro de 1964 (ela falece dois meses depois, em 7 de novembro), na *Folha de S.Paulo*, chama-se, tão apropriadamente: “Por amor a Ouro Preto”. Nela, defende o pedido do poeta Carlos Drummond de Andrade de proibir o trajeto de ônibus e caminhões nas estreitas e íngremes ruas da cidade histórica, ameaçada de desabamento. “O berço de nossa liberdade”, como escreve.

Para finalizar e sem chegar exatamente a uma conclusão, pois esse estudo é inconcluso, sendo uma resposta às dúvidas de tempos atrás, que foram parar em outras dúvidas, gerando um cabedal de interrogações. Se eu tivesse sido mais atenta, já tinha encontrado a resposta, pois essa nos foi dada pela própria poeta em seu *Espírito vitorioso* (1929) e em seu *Poesia e religião* (1963) – e sua escolha sempre foi pela liberdade. Ela não ficaria amarrada a escolas. Para ela, os modernistas “desarticulam completamente o verso, não procuram palavras belas *ou secretas* (grifo meu) ou carregadas de fluidos sobrenaturais: o cotidiano é que intervém com suas vulgaridades. A vida é feita de vulgaridades, e o poeta celebra essa vida” (MEIRELES, 1963, s.p).

Não. A poeta não poderia ser feita dessa matéria “corporal e instantânea”, pois a metafísica dos variados sentimentos era indispensável à sua voz. A poeta,

como ela própria definiu no texto “Memorial”, sobre o livro homônimo do poeta português José Bruges:⁷

Já vamos sendo só memória, nós, os poetas do sentimento. Restamos, pois, se a todos nós, os da poesia sentimental – o trabalho de inventar o nosso mundo, e lá viver. Porque a poesia sentimental não é a poesia sentimentalista. Nós não andamos atrás dessas pequenas coisas dos amáveis sonhos de cada dia. Não, não – nós somos uns ambiciosos de coisas sem existência, pelas quais damos a vida, o corpo, a alma, o tempo, enfim, o que somos. E somos os amantes de uma *liberdade* (grifo meu) que nos arranque a estes enredos da terra. E por ela choramos, e por ela nos convertemos em saudade. E isso é a nossa poesia. (MEIRELES, ano, s.p.)

⁷ Texto datilografado da poeta encontrado entre os materiais enviados à autora por sua filha, a sra. Maria Fernanda Correia Dias Meireles.

referências bibliográficas

- ANDRADE, Oswald. Voto a descoberto. In: *Telefonema*. São Paulo: Globo, 2007.
- HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MEIRELES, Cecília. *Espectros*, Rio de Janeiro: Editora Global, 2013.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia e religião*. Manuscrito cedido pela pesquisadora Leila Gouvêa, 1963.
- MEIRELES, Cecília. A extensão de nossa liberdade. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 6 jan. 1931a.
- MEIRELES, Cecília. Educação e revolução. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 31 out. 1930a.
- MEIRELES, Cecília. Equilíbrio. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 30 out. 1932a.
- MEIRELES, Cecília. Escolas italianas em S.Paulo: como se pode aproveitar a educação para campanha insidiosa de penetração fascista. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 24 abr. 1932b.
- MEIRELES, Cecília. Legiões e religiões. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 30 jul. 1931b.
- MEIRELES, Cecília. Liberdade. In: MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. Rio de Janeiro: Record, 1974.
- MEIRELES, Cecília. Mussolini e a paz. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 9 ago. 1932c.
- MEIRELES, Cecília. O direito do não. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 25 jan. 1931c.
- MEIRELES, Cecília. Pedagogia de ministro. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 30 abr. 1931d.
- MEIRELES, Cecília. Responsabilidade da revolução. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 27 nov. 1930b.
- MEIRELES, Cecília. Um dos resultados da revolução. *Diário de Notícias*, Página de Educação, Rio de Janeiro, 3 dez. 1930c.

MELO NETO, João Cabral de. “O romanceiro da Inconfidência” e “O exílio das elites”. Comentários radiofônicos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Arquivo-Museu de Literatura Brasileira/Arquivo João Cabral de Melo Neto, 1953. Pasta “Obras literárias diversas”.

MENDES, Murilo. A poesia social. In: MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. 34, 2016.

O MALHO. Rio de Janeiro, 22 maio 1920.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 18 jul. 1920.

OSWALD, Andrade. Voto a descoberto. In: *Telefonema*. São Paulo: Globo, 2007. p. 553-554.

RANCIÈRE, Jacques. *Les bords de la fiction*. Paris: Editions du Seuil, 2017.

SAMPAIO, Claudia Dias. Cecília Meireles e Isabel do Prado: a construção de O Romanceiro da Inconfidência. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 38, p. 245-255, jan./jun. 2015.

SILVA, Denílson de Cássio. *Cecília Meireles e o humanismo cívico: palavras e práticas de um ideário político (Brasil Sudeste, 1915-1964)*. 2021. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

WEIL, Simone. *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*. Tradução de Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.